

**UNIVERSIDADE GRANDE RIO**  
**“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”**

**“AS HOSTES CELESTIAIS NA VISÃO DE TOMÁS DE AQUINO ”**  
**Uma análise crítica da angelologia bíblica e da hierarquia celestial sob a influência**  
**de Dionísio, o Areopagita**

**Nelson Marchi Junior**

**DUQUE DE CAXIAS**

**2026**

**UNIVERSIDADE GRANDE RIO**  
**“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”**

**“AS HOSTES CELESTIAIS NA VISÃO DE TOMÁS DE AQUINO ”**  
**Uma análise crítica da angelologia bíblica e da hierarquia celestial sob a influência**  
**de Dionísio, o Areopagita**

**Nelson Marchi Junior**

Projeto de pesquisa apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientador:  
Prof. Dr. Jansen Racco Botelho de Melo

Duque de Caxias, RJ  
2026  
**UNIVERSIDADE GRANDE RIO**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**AFYA UNIVERSIDADE UNIGRANRIO – BIBLIOTECA EUCLIDES DA**  
**CUNHA**

M317a Marchi Junior, Nelson.

“As hostes celestiais na visão de Tomás de Aquino” : uma análise crítica da angelologia bíblica e da hierarquia celestial sob a influência de Dionísio, o Areopagita / Nelson Marchi Junior. – Duque de Caxias, 2026. 40 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Afya Universidade Unigranrio, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, Duque de Caxias, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Jansen Racco Botelho de Melo.  
Referências: f. 40-41.

1. Teologia. 2. Anjos. 3. Hostes celestiais. 4. Tomás de Aquino. 5. Teologia medieval. I. Melo, Jansen Racco Botelho de. II. Afya Universidade Unigranrio. III. Título.

CDD – 230

## **“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”**

**Nelson Marchi Junior**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado \_\_\_\_\_ com nota \_\_\_\_\_.

---

Prof. Dr. Jansen Racco Botelho de Melo  
PROF. ORIENTADOR – UNIGRANRIO

---

Prof. Dr. Marcos Porto Freitas da Rocha  
UNIGRANRIO

---

Prof. Dr. Márcio Simão de Vasconcellos  
UNIGRANRIO

Duque de Caxias, RJ

2026

## DEDICATÓRIA

*Aos meus amados e queridos pais (in memoriam), cujo empenho em me educar sempre foi premissa em suas vidas, aqui estão os resultados de todos os seus mais firmes esforços. Com muita gratidão dedico-lhes a realização de mais esse sonho*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de toda sabedoria, conhecimento e perseverança, por ter me sustentado durante toda esta caminhada acadêmica e por conceder forças para concluir mais esta etapa de minha vida.

Aos meus mestres e professores, expresso minha sincera gratidão pelos ensinamentos compartilhados, pela dedicação ao ensino e pelas valiosas contribuições para minha formação acadêmica, teológica e humana. Em especial, agradeço ao meu orientador, pela paciência, orientação e incentivo ao longo da elaboração deste trabalho.

À minha esposa, companheira de todas as horas, agradeço pelo amor, compreensão, apoio incondicional e incentivo constante. Sua presença foi fundamental nos momentos de dificuldade e sua confiança me impulsionou a seguir em frente, mesmo diante dos desafios.

Aos meus filhos e neto, razão de grande parte dos meus esforços e da minha inspiração, agradeço pelo carinho, pela compreensão nos momentos de ausência e por serem fonte permanente de alegria e motivação. Que esta conquista também sirva de exemplo para que nunca deixem de acreditar no valor do estudo, da dedicação e da perseverança.

A todos os familiares, amigos e colegas que, de alguma forma, contribuíram para esta jornada, meu sincero agradecimento.

Por fim, dedico esta conquista a todos aqueles que acreditaram em mim e me incentivaram a buscar o conhecimento, tornando possível a realização deste sonho.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a concepção das hostes celestiais no pensamento de Tomás de Aquino, investigando a natureza dos anjos, sua posição na ordem da criação e a estrutura hierárquica das inteligências celestes sob a influência da obra de Dionísio, o Areopagita. Inicialmente, buscou-se compreender o desenvolvimento histórico da angelologia judaico-cristã, demonstrando como a reflexão acerca dos seres espirituais foi progressivamente sistematizada ao longo da tradição teológica até alcançar a sua formulação mais elaborada na escolástica medieval. Em seguida, examinou-se a compreensão tomista dos anjos como substâncias intelectuais puras, dotadas de intelecto e vontade, porém desprovidas de matéria, destacando-se a distinção entre essência e existência e a posição intermediária que ocupam entre Deus e os homens. Posteriormente, analisou-se a organização das hierarquias e dos nove coros angélicos proposta por Dionísio e incorporada por Tomás de Aquino, abordando as características e funções dos Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes, Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos, bem como sua participação na ordem providencial do universo. Por fim, investigou-se a atuação das hostes celestiais na economia da salvação e a problemática da queda angélica, especialmente a figura de Lúcifer, evidenciando como Tomás de Aquino conciliou a tradição patrística, a metafísica aristotélica e a teologia cristã na construção de uma das mais influentes sínteses sobre a realidade espiritual. Conclui-se que a angelologia tomista ultrapassa uma simples descrição religiosa dos anjos, constituindo uma profunda reflexão metafísica acerca da ordem, da hierarquia e da participação das criaturas na perfeição divina, permanecendo como importante referência para a teologia cristã e para os estudos sobre as substâncias espirituais.

Palavras-chave: Angelologia; Tomás de Aquino; Dionísio Areopagita; Hierarquias Angélicas; Hostes Celestiais; Teologia Medieval.

## ABSTRACT

The present research aims to analyze the conception of the heavenly hosts in the thought of Thomas Aquinas, investigating the nature of angels, their position within the order of creation, and the hierarchical structure of celestial intelligences under the influence of the works of Dionysius the Areopagite. Initially, this study examines the historical development of Judeo-Christian angelology, demonstrating how the reflection on spiritual beings was progressively systematized throughout the theological tradition until reaching its most elaborate formulation in medieval Scholasticism. Subsequently, the Thomistic understanding of angels as pure intellectual substances, endowed with intellect and will but devoid of matter, is analyzed, emphasizing the distinction between essence and existence and the intermediary position they occupy between God and humanity. The research then explores the organization of the celestial hierarchies and the nine angelic choirs proposed by Dionysius and later incorporated by Thomas Aquinas, addressing the characteristics and functions of the Seraphim, Cherubim, Thrones, Dominions, Virtues, Powers, Principalities, Archangels, and Angels, as well as their participation in the providential order of the universe. Finally, the study investigates the role of the heavenly hosts in the economy of salvation and the problem of the angelic fall, especially the figure of Lucifer, highlighting how Thomas Aquinas reconciled the patristic tradition, Aristotelian metaphysics, and Christian theology in the construction of one of the most influential syntheses concerning spiritual reality. It is concluded that Thomistic angelology transcends a merely religious description of angels, constituting a profound metaphysical reflection on order, hierarchy, and the participation of creatures in divine perfection, remaining an important reference for Christian theology and for studies concerning spiritual substances.

**Keywords:** Angelology; Thomas Aquinas; Dionysius the Areopagite; Angelic Hierarchies; Heavenly Hosts; Medieval Theology.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                  |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO.....                                                                                               | 10 |
| 2. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E ONTOLÓGICOS DA ANGELOLOGIA.....                                                      | 11 |
| 2.1. A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA ANGELOLOGIA JUDAICO-CRISTÃ.....                                                     | 11 |
| 2.2. TOMÁS DE AQUINO E A NATUREZA DAS SUBSTÂNCIAS INTELECTUAIS<br>.....                                          | 13 |
| 3. ARQUITETURA CELESTIAL: A SISTEMATIZAÇÃO DAS HIERARQUIAS E<br>COROS ANGÉLICOS SOB A INFLUÊNCIA DIONISIANA..... | 17 |
| 3.1. PRIMEIRA ORDEM – OS CONSELHEIROS DIVINOS .....                                                              | 17 |
| 3.1.1. Querubins .....                                                                                           | 18 |
| 3.1.2. Serafins .....                                                                                            | 19 |
| 3.1.3. Tronos ou Ofanins .....                                                                                   | 21 |
| 3.2. A SEGUNDA ORDEM – OS GOVERNADORES CELESTIAIS .....                                                          | 22 |
| 3.2.1. Virtudes .....                                                                                            | 23 |
| 3.2.2. Dominações .....                                                                                          | 24 |
| 3.2.3. Potestades .....                                                                                          | 24 |
| 3.3. A TERCEIRA ORDEM – OS MENSAGEIROS DIVINOS .....                                                             | 26 |
| 3.3.1. Anjos.....                                                                                                | 26 |
| 3.3.2. Arcanjos.....                                                                                             | 27 |
| 3.3.3. Principados .....                                                                                         | 29 |
| 4. A ECONOMIA DA SALVAÇÃO E A QUEDA ANGÉLICA NO PENSAMENTO<br>TOMISTA .....                                      | 31 |
| 4.1. OS ANJOS NA ECONOMIA DA SALVAÇÃO.....                                                                       | 31 |
| 4.2. A QUEDA ANGELICAL E O PROBLEMA DO MAL.....                                                                  | 34 |
| 4.2.1. A origem, natureza e queda de Lúcifer segundo Tomás de Aquino.....                                        | 37 |
| 5. CONCLUSÃO.....                                                                                                | 39 |
| 6. BIBLIOGRAFIA .....                                                                                            | 40 |

## 1. INTRODUÇÃO

A tentativa humana de mapear o invisível encontra em Tomás de Aquino um de seus momentos mais sublimes e rigorosos. No coração da Idade Média, o "Doutor Angélico" não se limitou a aceitar as figuras bíblicas dos mensageiros divinos como meras metáforas ou adornos da fé; ele buscou compreender a própria estrutura da realidade imaterial. Para Tomás de Aquino, o cosmos não era um vácuo de silêncio entre Deus e os homens, mas um espaço densamente povoado por inteligências puras, organizadas em uma ordem que reflete a perfeição e a justiça do Criador. Este estudo propõe uma análise crítica dessa angelologia, investigando como Tomás partiu das bases bíblicas para construir uma cosmologia na qual os anjos atuam como o elo vital entre o infinito e o finito.

Nesse processo de sistematização, a figura de Dionísio, o Areopagita, surge como a influência fundamental que forneceu a Tomás a régua e o compasso para desenhar a hierarquia celestial. Ao assimilar a tradição dionisiana, Aquino herdou não apenas a classificação dos nove coros angélicos, mas também o profundo método da teologia negativa, isto é, a compreensão de que nossa linguagem sobre o divino e o espiritual é sempre um exercício de remoção de imperfeições. No entanto, a genialidade tomista reside na sua capacidade de humanizar e concretizar esse legado neoplatônico. Ao cruzar a mística de Dionísio com a metafísica aristotélica, Tomás transformou as hostes celestiais em objetos de uma epistemologia sofisticada, na qual a luz da verdade divina desce em degraus, iluminando desde o Serafim mais próximo ao Trono até o Anjo da Guarda que caminha ao lado do peregrino terrestre.

O que se segue é um convite a explorar essa arquitetura invisível, avaliando como o Aquinate harmonizou a autoridade patrística com a exigência racional. Mais do que uma curiosidade teológica, a hierarquia das hostes celestiais revela a visão de Tomás sobre a dignidade do intelecto e a organização providencial do universo. Por meio da via negativa e da análise das diversas naturezas intelectuais, evidencia-se que o pensamento tomista conduz aos limites da própria capacidade cognoscitiva humana, ao indicar que, diante das substâncias imateriais, o ápice da sabedoria consiste no reconhecimento da distância infinita que separa o intelecto humano da essência plena dos anjos, restando, assim, a contemplação do reflexo da ordem divina que neles se manifesta.

## 2. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E ONTOLÓGICOS DA ANGELOLOGIA

A reflexão acerca das hostes celestiais desenvolveu-se progressivamente ao longo da tradição religiosa judaico-cristã, alcançando sua formulação mais sistemática na escolástica medieval, especialmente na obra de Tomás de Aquino. A compreensão cristã acerca das hostes celestiais desenvolveu-se gradualmente ao longo da tradição teológica, sendo moldada pela Revelação bíblica, pela tradição patrística e pelo diálogo entre a teologia cristã e a filosofia clássica, até alcançar sua formulação mais sistemática na escolástica medieval.

Desde os primeiros livros das Escrituras, os anjos aparecem como mensageiros e ministros de Deus, incumbidos de transmitir sua vontade, proteger os fiéis e executar seus desígnios na história da salvação. Entretanto, os textos bíblicos não apresentam uma sistematização completa acerca da natureza desses seres espirituais nem estabelecem uma classificação hierárquica detalhada. Tal sistematização somente seria desenvolvida ao longo da tradição cristã, especialmente a partir da reflexão patrística e, posteriormente, da escolástica medieval.

Nesse processo, destaca-se a influência exercida por Pseudo-Dionísio Areopagita, cuja obra *A Hierarquia Celeste* propôs uma organização das hostes angélicas em três hierarquias compostas por nove coros. Essa classificação, embora não derive diretamente de uma exposição sistemática das Escrituras, exerceu profunda influência sobre a teologia medieval, sendo posteriormente incorporada e reinterpretada por Tomás de Aquino, que a harmonizou com a metafísica aristotélica e a doutrina cristã.

Assim, para compreender a concepção tomista das substâncias intelectuais e da organização das hostes celestiais, torna-se indispensável analisar, ainda que brevemente, o desenvolvimento histórico da angelologia judaico-cristã, bem como os fundamentos filosóficos e teológicos que possibilitaram sua consolidação.

### 2.1. A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA ANGELOLOGIA JUDAICO-CRISTÃ

A compreensão acerca dos seres celestiais desenvolveu-se de forma gradual ao longo da tradição judaico-cristã até alcançar, na escolástica medieval, sua formulação mais sistemática em Tomás de Aquino. A angelologia cristã não surgiu de maneira plenamente estruturada, mas resultou de um processo histórico influenciado pelas

Escrituras Sagradas, pela tradição patrística e pelas correntes filosóficas do pensamento antigo.

Nos livros do Antigo Testamento, os anjos aparecem, sobretudo, como mensageiros da vontade divina e executores das determinações de Deus junto ao seu povo. Em diversas passagens bíblicas, exercem funções de proteção, orientação, julgamento e anúncio, participando ativamente da história da salvação. Contudo, essas narrativas não apresentam uma descrição sistemática da natureza dos anjos nem uma classificação precisa das diferentes ordens angélicas.

Diversos estudiosos sustentam que a compreensão judaica acerca dos seres celestiais foi ampliada durante o período do exílio babilônico, quando o povo hebreu entrou em contato com diferentes tradições religiosas do Oriente Próximo. Posteriormente, a literatura apocalíptica judaica passou a desenvolver de maneira mais detalhada a atuação e a organização das hostes celestiais, sem, contudo, afastar-se da concepção monoteísta característica da fé de Israel.

No cristianismo primitivo, os anjos passaram a ser compreendidos como ministros de Deus e participantes da ordem providencial da criação. Os Evangelhos registram sua atuação em momentos decisivos da vida de Jesus Cristo, enquanto as epístolas paulinas fazem referência a diferentes categorias de seres celestiais, como tronos, dominações, principados e potestades (Cl 1,16; Ef 1,21). Todavia, o Novo Testamento também não apresenta uma organização sistemática dessas categorias, limitando-se à sua menção em contextos específicos da economia da salvação.

Foi nesse contexto que a obra de Pseudo-Dionísio Areopagita exerceu profunda influência sobre a teologia medieval. Em *A Hierarquia Celeste*, Dionísio propõe uma organização das hostes angélicas em três hierarquias compostas por nove coros, compreendendo os anjos como participantes da iluminação divina em diferentes graus de proximidade com Deus<sup>1</sup>.

Sua concepção revela forte influência neoplatônica, especialmente na compreensão de que toda a criação participa, em diferentes graus, da perfeição divina. Segundo Dionísio, "Toda hierarquia é uma ordem sagrada, ciência e operação assimilada, tanto quanto possível, à forma divina".<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> AREOPAGITA, Dionísio Pseudo. *A hierarquia celeste*. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2015, p.13.

<sup>2</sup> Ibid., p. 53.

Desse modo, a organização das hostes celestiais não possui apenas caráter simbólico ou funcional, mas representa a própria ordem estabelecida por Deus na criação, na qual cada ser participa da perfeição divina segundo sua natureza e missão.

A influência de Dionísio sobre o pensamento de Tomás de Aquino revelou-se decisiva para a consolidação da angelologia escolástica. Entretanto, o Aquinate não se limitou a reproduzir a classificação dionisiana. Ao incorporá-la à metafísica aristotélica, submeteu-a à investigação filosófica, procurando demonstrar que a existência e a natureza das substâncias espirituais poderiam ser analisadas racionalmente, sem prejuízo da fé cristã.

Em *Sobre os Anjos (De substantiis separatis)*, Tomás afirma que os anjos são substâncias intelectuais separadas, dotadas de intelecto e vontade, porém desprovidas de matéria corpórea<sup>3</sup>.

Na Suma Teológica, sustenta que ocupam posição intermediária entre Deus e os homens, sendo criaturas espirituais ordenadas à contemplação divina e à execução da providência de Deus sobre toda a criação<sup>4</sup>.

Ao integrar a tradição patrística, o pensamento de Pseudo-Dionísio e a filosofia aristotélica, Tomás de Aquino elaborou uma das mais importantes sínteses da teologia medieval. Sua angelologia ultrapassa uma compreensão meramente devocional dos anjos, inserindo-os em uma estrutura metafísica da criação, na qual a ordem, a inteligência e a participação no bem divino constituem elementos fundamentais para a compreensão do universo criado.

Dessa forma, a angelologia medieval não se limita à descrição das hostes celestiais, mas integra o esforço escolástico de harmonizar razão e fé, demonstrando que o estudo das substâncias espirituais ocupa lugar relevante na investigação filosófica e reflexão teológica acerca da ordem estabelecida por Deus.

## 2.2. TOMÁS DE AQUINO E A NATUREZA DAS SUBSTÂNCIAS INTELECTUAIS

A angelologia desenvolvida por Tomás de Aquino representa uma das mais elaboradas construções metafísicas da escolástica medieval. Influenciado pela tradição

---

<sup>3</sup> AQUINO, Tomás de. **Sobre os anjos (De substantiis separatis)**. Tradução de Luiz Astorga; apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006, cap. XVIII, p. 197-205.

<sup>4</sup> AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1, p. 291.

patrística, pela filosofia aristotélica e pela obra de Pseudo-Dionísio Areopagita, o Aquinate procurou compreender racionalmente a natureza dos anjos, inserindo-os em uma estrutura ordenada da criação divina. Para ele, o estudo das substâncias espirituais não constitui mera especulação religiosa, mas integra o esforço filosófico e teológico de compreender a ordem do universo criado por Deus.

A investigação tomista sobre os anjos concentra-se principalmente na Primeira Parte da Suma Teológica (Questões 50 a 64)<sup>5</sup>, na qual o Aquinate examina sua natureza, conhecimento, vontade, governo e queda, estabelecendo os fundamentos da angelologia escolástica.

Na perspectiva tomista, os anjos são substâncias intelectuais separadas, isto é, seres puramente espirituais, desprovidos de matéria corpórea. Diferentemente dos homens, cuja natureza é constituída pela união substancial entre corpo e alma, os anjos possuem existência imaterial e operação exclusivamente intelectual. Em *Sobre os Anjos (De substantiis separatis)*, Tomás de Aquino afirma que essas substâncias exercem suas operações sem depender dos sentidos materiais, razão pela qual seu conhecimento não se desenvolve mediante abstração sensível, mas por apreensão intelectual própria de sua natureza<sup>6</sup>

A compreensão tomista acerca da natureza angélica encontra fundamento na distinção entre essência e existência, princípio central de sua metafísica. Para Tomás de Aquino, somente Deus possui essência idêntica à própria existência, sendo o único Ser necessário e absoluto. Os anjos, embora superiores ao homem em perfeição intelectual, permanecem criaturas contingentes, cuja existência depende inteiramente da vontade criadora de Deus. Assim, embora sejam imortais e incorruptíveis, não possuem eternidade em sentido absoluto, mas participam daquilo que a tradição escolástica denomina **eviternidade**, isto é, uma duração própria das criaturas espirituais, distinta tanto do tempo quanto da eternidade divina.

Na Suma Teológica, Tomás sustenta que os anjos ocupam posição intermediária entre Deus e os homens, participando da ordem providencial do universo<sup>7</sup>. Sua superioridade em relação à humanidade decorre da ausência de matéria e da perfeição de

<sup>5</sup> AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1, p. 476.

<sup>6</sup> AQUINO, Tomás de. **Sobre os anjos (De substantiis separatis)**. Tradução de Luiz Astorga; apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006, cap. XVIII, p. 197-205.

<sup>7</sup> AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1, p. 2807.

seu intelecto, uma vez que conhecem de forma intuitiva, sem necessidade do processo discursivo característico da razão humana. Enquanto o homem alcança o conhecimento por meio da experiência sensível e do raciocínio progressivo, o intelecto angélico apreende imediatamente os objetos proporcionados à sua natureza<sup>8</sup>. Tal conhecimento decorre da perfeição própria da natureza angélica, dispensando o processo de abstração característico do intelecto humano.

Outra característica fundamental da natureza angélica consiste na individualidade absoluta de cada anjo. Diferentemente dos seres materiais, cuja multiplicidade decorre da matéria que individualiza os indivíduos pertencentes à mesma espécie, cada anjo constitui, segundo Tomás de Aquino, uma espécie singular. A inexistência de matéria impede a multiplicação de indivíduos dentro da mesma espécie, fazendo com que cada inteligência angélica represente um grau próprio e irrepetível de perfeição na ordem da criação.

A influência de Pseudo-Dionísio Areopagita manifesta-se de maneira evidente na compreensão tomista das hierarquias celestiais. Para Tomás, os diferentes coros angélicos refletem distintos graus de participação na iluminação divina e na execução da providência de Deus. Contudo, o Aquinate não adota a estrutura dionisiana de maneira meramente descritiva ou mística. Ao submetê-la à investigação filosófica, procura demonstrar que a ordem hierárquica das substâncias espirituais encontra fundamento na própria racionalidade da criação, em que cada criatura participa da perfeição divina conforme sua natureza e missão.

Além da excelência de seu intelecto, os anjos possuem vontade livre. Segundo Tomás de Aquino, a liberdade constitui atributo próprio das criaturas racionais, permitindo-lhes aderir voluntariamente ao bem conhecido. Essa liberdade explica a possibilidade da queda angélica, posteriormente associada, na tradição cristã, à figura tradicionalmente identificada como Lúcifer. Entretanto, a rebelião de parte dos anjos não altera a bondade da criação, pois toda criatura procede originalmente de Deus, que é o Bem supremo. O mal, nessa perspectiva, não possui existência própria, mas consiste na privação do bem decorrente do uso desordenado da liberdade. Essa compreensão demonstra que, para Tomás de Aquino, a existência do mal não compromete a perfeição da criação divina, mas confirma a liberdade concedida por Deus às criaturas intelectuais.

---

<sup>8</sup> AQUINO, Tomás de; ALIGHIERI, Dante. **Seleção de textos**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores), p.13.

A angelologia tomista, portanto, ultrapassa uma simples descrição religiosa das hostes celestiais, constituindo uma autêntica investigação metafísica acerca da ordem do universo, da natureza das substâncias intelectuais e das diversas formas de participação das criaturas na perfeição divina. Ao harmonizar a filosofia aristotélica, a tradição patrística e a herança dionisiana, Tomás de Aquino elaborou uma síntese que exerceu profunda influência sobre a teologia medieval e permanece como uma das mais importantes referências da teologia cristã no estudo das realidades espirituais.

### 3. ARQUITETURA CELESTIAL: A SISTEMATIZAÇÃO DAS HIERARQUIAS E COROS ANGÉLICOS SOB A INFLUÊNCIA DIONISIANA

A sistematização das hierarquias angélicas ocupa posição de destaque na tradição teológica cristã, especialmente no pensamento medieval. Embora as Sagradas Escrituras mencionem diferentes categorias de seres celestiais, como Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos, não apresentam uma organização hierárquica completa dessas ordens. As referências bíblicas encontram-se dispersas em diversos livros do Antigo e do Novo Testamento, sem a intenção de estabelecer uma classificação sistemática das hostes celestiais.

Foi nesse contexto que a obra *A Hierarquia Celeste*, de Pseudo-Dionísio Areopagita, exerceu influência decisiva sobre a teologia cristã. Inspirado na tradição bíblica e na filosofia neoplatônica, Dionísio propôs uma organização das hostes angélicas em três hierarquias, compostas por nove coros, estruturados segundo diferentes graus de proximidade com Deus e de participação na iluminação divina. Essa classificação tornou-se a principal referência para a angelologia medieval e foi posteriormente recepcionada e desenvolvida por Tomás de Aquino, que a integrou à sua compreensão metafísica da criação.

Na *Suma Teológica*, Tomás de Aquino não apenas adota a organização proposta por Dionísio, mas também lhe confere fundamentação filosófica, compreendendo as hierarquias angélicas como expressão da ordem racional estabelecida por Deus na criação. Cada coro possui uma função específica na economia providencial, refletindo diferentes graus de participação na perfeição divina e na execução da vontade do Criador. Assim, a organização das hostes celestiais transcende uma simples classificação dos anjos, constituindo elemento essencial da cosmologia e da metafísica tomista.

À luz dessa tradição, serão analisadas, a seguir, as três hierarquias angélicas e os respectivos coros que as compõem, destacando-se suas características, funções e significado no pensamento de Pseudo-Dionísio Areopagita e de Tomás de Aquino.

#### 3.1. PRIMEIRA ORDEM – OS CONSELHEIROS DIVINOS

A primeira hierarquia angélica ocupa o grau mais elevado entre as hostes celestiais. Segundo a tradição apresentada por Pseudo-Dionísio Areopagita e posteriormente sistematizada por Tomás de Aquino, essa ordem é composta pelos Serafins, Querubins e

Tronos (ou Ofanins). Esses coros distinguem-se pela maior proximidade com Deus e pela participação mais imediata na contemplação e comunicação da perfeição divina.

Na compreensão dionisiana, acolhida pelo pensamento tomista, a posição ocupada por cada coro não representa privilégio ou superioridade em sentido humano, mas diferentes graus de participação na iluminação divina e na execução da providência de Deus. Quanto maior a proximidade do Criador, maior é a participação na contemplação da Verdade e na comunicação dessa iluminação às ordens inferiores.

Dessa forma, a primeira hierarquia caracteriza-se por sua orientação eminentemente contemplativa. Seus membros permanecem voltados para Deus, participando de maneira mais intensa da manifestação de sua glória e transmitindo essa iluminação às demais ordens angélicas, segundo a estrutura hierárquica descrita por Dionísio e desenvolvida por Tomás de Aquino.

### 3.1.1. Querubins

Entre os coros pertencentes à primeira hierarquia encontram-se os Querubins, frequentemente associados, nas Sagradas Escrituras, à manifestação da glória de Deus e à guarda dos lugares e realidades sagradas. Diversos textos bíblicos apresentam esses seres exercendo funções relacionadas à proteção da presença divina e à execução da vontade do Criador.

Uma das primeiras referências aos Querubins encontra-se em Gênesis 3,24, quando, após a expulsão do homem do Jardim do Éden, Deus coloca Querubins para guardar o caminho da árvore da vida<sup>9</sup>: “E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida.”.

Além dessa passagem, os Querubins aparecem associados à Arca da Aliança, onde suas imagens, confeccionadas em ouro, simbolizam a santidade da presença divina (Êx 25:18-22). Em diversos textos do Antigo Testamento, Deus é descrito como aquele que “está entronizado entre os querubins”, expressão que evidencia a íntima relação desses seres com a manifestação de sua glória.

---

<sup>9</sup>BÍBLIA, **Bíblia Apologética de Estudo**. Tradução João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: ICP Editora, 2000. Gn 3,24. p.10

Outra importante descrição encontra-se na visão profética de Ezequiel (Ez 10), na qual o profeta contempla seres dotados de características extraordinárias, associados ao trono de Deus. A narrativa descreve criaturas com múltiplas faces, asas e intenso resplendor, simbolizando a majestade e a transcendência da presença divina.<sup>10</sup>

Tomás de Aquino compreende essas descrições bíblicas não como definições exaustivas da natureza angélica, mas como representações sensíveis destinadas a tornar inteligíveis realidades espirituais ao intelecto humano

Na tradição teológica dionisiana, os Querubins representam, sobretudo, a plenitude do conhecimento e da sabedoria divina. Mais do que uma designação etimológica, essa compreensão possui caráter simbólico e teológico, indicando que esses seres recebem de modo singular da iluminação proveniente de Deus. Conforme afirma Pseudo-Dionísio Areopagita<sup>11</sup>:

Os Querubins designam aptidões a conhecerem e a contemplarem a Deus, a receberem os mais altos dons da Sua Luz, a contemplarem na sua potência primordial o esplendor divino, a acolherem em si a plenitude dos dons que transmitem sabedoria e a comunicá-los em seguida às essências inferiores graças à expansão da própria sabedoria que lhes foi transmitida.

Segundo Pseudo-Dionísio, a tradição tomista acolhe essa interpretação de Pseudo-Dionísio ao compreender que os Querubins participam da comunicação da iluminação divina segundo a ordem estabelecida por Deus. Sua posição na primeira hierarquia evidencia não apenas sua proximidade com o Criador, mas também sua missão de refletir e transmitir a perfeição divina às demais ordens angélicas, preservando a harmonia da criação segundo a economia providencial<sup>12</sup>.

Embora a tradição cristã posterior tenha associado os Querubins a diversas interpretações acerca da queda dos anjos, especialmente em relação à figura de Lúcifer, tais questões serão examinadas oportunamente no capítulo dedicado à queda angélica, por constituírem tema próprio da reflexão acerca da liberdade das criaturas espirituais.

### 3.1.2. Serafins

---

<sup>10</sup> Ibid, Ez. 10, 3-18.

<sup>11</sup> AREOPAGITA Dionísio Pseudo, **A Hierarquia Celeste**. 1ª Ed. Tradução por Américo Sommerman, Polar Editorial, 2015. p. 14.

<sup>12</sup> Ibid. p. 71.

Segundo Pseudo-Dionísio Areopagita, os Serafins ocupam o mais elevado grau da primeira hierarquia celeste<sup>13</sup>. Sua posição decorre da maior proximidade com Deus e da participação mais intensa na contemplação e comunicação da iluminação divina, compreensão posteriormente acolhida e sistematizada por Tomás de Aquino.

Os Serafins têm como qualidades especiais o movimento perpétuo em torno dos segredos divinos, o calor, a profundidade, o ardor dum constante movimento que não conhece diminuição, o poder de elevarem eficazmente as suas semelhanças aos que lhes são inferiores, comunicando-lhes o mesmo ardor, a mesma chama e o mesmo calor. Eles têm o poder de purificarem a evidente e indestrutível aptidão para conservarem a sua própria luz, o seu poder de iluminação e a faculdade de abolirem todas as trevas.

A tradição cristã associa os Serafins ao louvor contínuo prestado diante do trono divino, especialmente a partir da visão do profeta Isaías (Is 6,1-7). Nessa passagem, os Serafins aparecem proclamando incessantemente a santidade de Deus, tornando-se símbolo da perfeita adoração e da contínua contemplação da glória divina.

Neste mesmo sentido, os Serafins são explicados por Severino Pedro da Silva<sup>14</sup>, como sendo:

Os serafins são elevados poderes do mundo angelical que se situam dentro do domínio do Criador. São os possíveis regentes dos grandes corais no interior do Céu. Seu louvor constantemente é dirigido à Trindade (Is 6.3): Santo (Deus), Santo (Jesus), Santo (Espírito Santo)

Conforme a visão de Isaías (Is 6,1-7), os Serafins aparecem dotados de seis asas: com duas cobrem o rosto, com duas cobrem os pés e com duas voam, simbolizando reverência diante da santidade divina e plena disponibilidade para cumprir a vontade de Deus.

Conforme a tradição cristã, os serafins proclamavam continuamente em coro 'Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos! Toda a terra está cheia da sua glória!'. Esse canto de glória abalou o Templo até os seus alicerces, e todo o santuário se encheu de fumaça.

Serafim é oriundo da palavra hebraica "saraph", que vem a significar "queimar". A mesma palavra refere-se a majestosos seres celestiais que voam ao redor do trono e cantam sem cessar.

A mesma raiz hebraica aparece também em Números 21:6-8 e Isaías 30:6, onde designa as chamadas "serpentes ardentes". Embora o contexto seja distinto daquele

---

<sup>13</sup> Ibid. p. 63.

<sup>14</sup> SILVA Severino Pedro da. **Os Anjos, Sua Natureza e Ofício**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 8ª Ed. 1997. p. 54.

referente aos Serafins da visão de Isaías, a identidade lexical evidencia a associação da raiz šārāf com a ideia de fogo, ardor e julgamento.

Para Pseudo-Dionísio, os Serafins simbolizam o mais elevado grau de proximidade com Deus, caracterizando-se pelo ardor espiritual e pela contemplação contínua da glória divina. Tomás de Aquino acolhe essa interpretação ao compreender que esse coro ocupa a posição mais elevada entre as inteligências angélicas, participando de modo singular da comunicação da iluminação divina às demais ordens celestes.<sup>15</sup>

Desse modo, os Serafins expressam, na tradição dionisiana e tomista, o grau máximo de participação das criaturas espirituais na santidade, no amor e na contemplação da perfeição divina.

### 3.1.3. Tronos ou Ofanins

Os Tronos, também denominados Ofanins na tradição veterotestamentária, completam a primeira hierarquia angélica descrita por Pseudo-Dionísio Areopagita e posteriormente acolhida por Tomás de Aquino. Sua posição entre as ordens mais elevadas das hostes celestiais decorre da íntima participação na justiça, na estabilidade e na ordem estabelecida por Deus, tornando-se símbolo da perfeita disposição para acolher e manifestar a vontade divina.

As referências bíblicas aos Tronos encontram fundamento, sobretudo, nas visões proféticas de Ezequiel (Ez 1; Ez 10), nas quais aparecem as misteriosas rodas (ophanim) associadas ao carro da glória divina, bem como nas referências paulinas aos "tronos" entre as potestades celestiais (Cl 1,16). Embora esses textos não apresentem uma descrição sistemática dessa ordem angélica, forneceram os elementos que seriam posteriormente organizados pela tradição teológica.

Na obra *A Hierarquia Celeste*, Pseudo-Dionísio Areopagita atribui aos Tronos a perfeita receptividade da presença divina, afirmando que essa ordem se distingue pela estabilidade, pela pureza e pela completa disponibilidade para servir de instrumento da justiça de Deus. Sua dignidade decorre da capacidade de receber a iluminação divina e transmiti-la às ordens inferiores, preservando a harmonia da hierarquia celeste.

Tomás de Aquino acolhe essa compreensão ao interpretar os Tronos como inteligências angélicas particularmente ordenadas ao governo providencial do universo.

---

<sup>15</sup> AREOPAGITA Dionísio Pseudo, **A Hierarquia Celeste**. 1ª Ed, Tradução por Américo Sommerman, Polar Editorial, 2015. p. 14.

Para o Aquinate, cada ordem angélica participa da ação divina segundo a perfeição própria de sua natureza, de modo que os Tronos refletem a firmeza da justiça e da ordem estabelecidas pelo Criador. Sua missão não consiste no exercício de um poder autônomo, mas na execução da vontade divina dentro da economia da criação.

A denominação "Tronos" possui significado eminentemente simbólico. Ela indica que esses seres se encontram plenamente disponíveis para a manifestação da presença e da justiça de Deus, tornando-se expressão da estabilidade, da retidão e da plena submissão à vontade divina. Assim, na tradição dionisiana e tomista, os Tronos representam a firmeza da ordem criada e a harmonia da providência divina.

### 3.2. A SEGUNDA ORDEM – OS GOVERNADORES CELESTIAIS

Na hierarquia angelical desenvolvida por Tomás de Aquino, com forte influência de Pseudo-Dionísio Areopagita, a segunda ordem das hostes celestiais ocupa uma posição intermediária entre a contemplação de Deus e o governo da criação. Essa ordem é formada pelas Dominações, Virtudes e Potestades, conhecidas como os “governadores celestiais”, por exercerem funções ligadas à organização e manutenção da vontade divina no universo. Segundo a tradição dionisiana, seguida por Tomás de Aquino, os anjos distribuem-se em três grandes hierarquias. A primeira permanece mais próxima de Deus, dedicando-se predominantemente à contemplação da perfeição divina; a segunda participa da administração providencial da criação; e a terceira relaciona-se mais diretamente com a execução das determinações divinas junto ao mundo criado e à humanidade.

Para Tomás de Aquino, os anjos não apenas contemplam a Deus, mas também participam da execução da providência divina. Na obra de Teologia Mística de Dionísio<sup>16</sup>, Areopagita afirma que Deus governa a criação por meio de agentes secundários, entre eles os próprios anjos, encarregados de transmitir e cumprir as determinações divinas, sendo esta a mesma visão de Tomás de Aquino.

A influência de Dionísio sobre Aquino é evidente na ideia de que a hierarquia angelical reflete a própria ordem divina. Entretanto, essa estrutura não está livre de

---

<sup>16</sup> GONZÁLEZ PÉREZ, M. Angélica. *La teología mística de Dionisio Areopagita y su influjo en místicos españoles del siglo XVI*. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/188510x>>. Acesso em: 19 fev. 2026.

críticas. Embora termos como “dominações” e “potestades” apareçam nas cartas paulinas, especialmente na Epístola aos Efésios e na Epístola aos Colossenses, a organização detalhada das nove ordens angelicais tem origem principalmente na tradição patrística e neoplatônica, embora inspirada em diferentes passagens das Escrituras.

Assim, a segunda ordem dos governadores celestiais demonstra como a angelologia medieval buscou unir filosofia, teologia e interpretação bíblica para explicar a atuação dos anjos na administração da criação segundo a providência divina.

### 3.2.1. Virtudes

As Virtudes compõem o segundo coro da segunda hierarquia angélica. Segundo a tradição dionisiana, e seguida por Tomás de Aquino, distinguem-se pela firmeza espiritual e pela participação na comunicação da força divina às ordens inferiores. Seu nome remete à ideia de fortaleza, poder e constância na execução da vontade de Deus<sup>17</sup>:

No que se refere às santas virtudes, seu nome indica certa força viril e inflexível em todos os atos pelos quais elas se conformam com Deus. A virilidade não admite nem debilidade nem preguiça para receber as iluminações divinas que lhes são outorgadas. Eles tendem firmemente a imitar a Deus, sem jamais abandonar o impulsivo divino por covardia, mas cujo o olhar, ao contrário, permanece inflexivelmente voltado, o quanto pode, para esta mesma virtude supra essencial que é a fonte de todo o poder.

Na tradição teológica medieval, especialmente na interpretação acolhida por Tomás de Aquino, atribui-se às Virtudes a missão de cooperar na realização das obras extraordinárias da providência divina. Por essa razão, diversos autores associam esse coro à realização dos milagres e dos sinais extraordinários pelos quais Deus manifesta sua providência. Embora essa atuação nem sempre seja perceptível aos homens, a tradição teológica sustenta que a ação das Virtudes permanece subordinada à providência divina, manifestando-se sobretudo nas intervenções extraordinárias pelas quais Deus realiza sua vontade na criação.

O termo "virtude", derivado do latim *virtus*, remete originalmente à ideia de força, excelência e firmeza. Na angelologia cristã, essa denominação não se refere às virtudes morais propriamente ditas, mas à fortaleza espiritual própria desse coro angélico, cuja missão consiste em cooperar na realização da providência divina e inspirar, segundo a tradição cristã, a perseverança no bem.

---

<sup>17</sup> AREOPAGITA Dionísio Pseudo, **A Hierarquia Celeste**. 1ª Ed, Tradução por Américo Sommerman, Polar Editorial, 2015. p. 76.

Na síntese elaborada por Tomás de Aquino, esse coro manifesta a firmeza da ação divina no governo da criação, demonstrando que mesmo os acontecimentos extraordinários permanecem subordinados à ordem providencial estabelecida por Deus.

### **3.2.2. Dominações**

As Dominações ocupam a posição mais elevada entre os coros da segunda hierarquia angélica. Segundo a tradição apresentada por Pseudo-Dionísio Areopagita e posteriormente sistematizada por Tomás de Aquino, distinguem-se pela autoridade espiritual exercida sobre os coros inferiores, orientando-os no cumprimento da providência divina.

Diferentemente dos coros da primeira hierarquia, cuja missão principal consiste na contemplação imediata de Deus, as Dominações participam do governo da criação por meio da organização e coordenação das demais ordens angélicas. Sua autoridade, contudo, não constitui domínio autônomo, mas expressão da perfeita submissão à vontade divina, refletindo a ordem estabelecida pelo Criador.

Na Hierarquia Celeste, Pseudo-Dionísio afirma que o próprio nome "Dominações" exprime a liberdade em relação a toda forma de servidão desordenada e a plena conformidade com o governo divino. Essas inteligências espirituais exercem autoridade sem orgulho ou tirania, permanecendo inteiramente orientadas para Deus e comunicando às ordens inferiores a iluminação recebida.

Tomás de Aquino acolhe essa interpretação ao compreender que cada hierarquia angélica participa da providência divina segundo a perfeição própria de sua natureza. Assim, as Dominações desempenham papel essencial na ordem da criação, coordenando a atuação das ordens inferiores sem jamais substituir a ação soberana de Deus, de quem procede toda autoridade.

Desse modo, as Dominações simbolizam a perfeita harmonia entre autoridade e obediência, demonstrando que o verdadeiro governo da criação consiste na participação ordenada na execução da vontade divina e não no exercício de poder independente.

### **3.2.3. Potestades**

As Potestades constituem o terceiro coro da segunda hierarquia angélica segundo a classificação proposta por Pseudo-Dionísio Areopagita e posteriormente acolhida por

Tomás de Aquino. Sua principal característica consiste na participação na ordem e na estabilidade da criação, exercendo autoridade espiritual em conformidade com a providência divina.

As Sagradas Escrituras mencionam as Potestades em diversas passagens do Novo Testamento, especialmente nas cartas paulinas. Em Romanos 8:38-39, o apóstolo afirma<sup>18</sup>:

Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.

A referência paulina demonstra que as Potestades integram a ordem das criaturas espirituais e que sua existência não pode ser compreendida de forma independente da soberania de Deus.

Da mesma forma, em Colossenses 1:16, Paulo afirma que todas as coisas, "tronos, dominações, principados e potestades", foram criadas por Deus e para Deus, indicando que essas ordens pertencem originalmente ao conjunto da boa criação de Deus.

Na interpretação de Pseudo-Dionísio, as Potestades exercem função relacionada à preservação da ordem e da estabilidade do universo criado, impedindo que o desordenamento comprometa a perfeita execução da vontade divina. Tomás de Aquino acolhe essa compreensão ao afirmar que cada coro angélico participa da providência segundo sua natureza própria, cooperando para a conservação da ordem estabelecida pelo Criador.

Ao longo da tradição cristã, algumas interpretações passaram a relacionar determinadas referências paulinas às potestades com os anjos decaídos e com a atuação das forças espirituais contrárias a Deus. Contudo, essa identificação depende do contexto de cada passagem bíblica e não altera o entendimento de que, em sua origem, as Potestades pertencem à ordem da criação divina, sendo criaturas boas constituídas por Deus.

Assim, a compreensão das Potestades exige distinguir a classificação hierárquica dos coros angélicos da reflexão posterior acerca da queda dos anjos. Essa distinção será aprofundada no capítulo dedicado à rebelião angélica, evitando confundir a natureza originalmente boa dessas criaturas com os efeitos decorrentes do mau uso da liberdade.

---

<sup>18</sup> BÍBLIA, **Bíblia Apologética de Estudo**. Tradução João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: ICP Editora, 2000. Rm 8,38-39. p. 1136.

Nessa perspectiva, Tomás de Aquino preserva a distinção entre a natureza originalmente boa dos anjos e a corrupção moral decorrente da escolha livre de parte dessas criaturas espirituais

### 3.3. A TERCEIRA ORDEM – OS MENSAGEIROS DIVINOS

Na classificação das hierarquias angélicas apresentada por Pseudo-Dionísio Areopagita e posteriormente sistematizada por Tomás de Aquino, a terceira hierarquia é composta pelos Principados, Arcanjos e Anjos. Diferentemente das ordens superiores, cuja missão se relaciona principalmente à contemplação da glória divina e ao governo providencial da criação, essa última hierarquia exerce atuação mais direta junto ao mundo criado e, particularmente, à humanidade.

Segundo Tomás de Aquino, a disposição das ordens angélicas reflete a própria ordem da providência divina, na qual os seres mais próximos de Deus comunicam sua iluminação às ordens inferiores. Nesse contexto, os coros da terceira hierarquia recebem a missão de transmitir as determinações divinas aos homens, proteger indivíduos e comunidades e cooperar na execução do plano salvífico ao longo da história.

Embora cada um desses coros possua atribuições próprias, todos participam da mesma finalidade: servir à vontade de Deus e manifestar sua providência na criação. Assim, a terceira hierarquia representa a expressão mais imediata da ação angélica na economia da salvação, razão pela qual suas intervenções são as mais frequentemente registradas nas Sagradas Escrituras.

#### 3.3.1. Anjos

Os Anjos constituem o terceiro coro da terceira hierarquia celeste e representam a ordem angélica que mantém contato mais direto com a humanidade. Na tradição cristã, são reconhecidos principalmente como mensageiros de Deus, encarregados de anunciar sua vontade, proteger os fiéis e executar determinações divinas na história da salvação.

As Sagradas Escrituras apresentam inúmeras referências à atuação dos anjos. Nos livros de Jó (Jó 1–2), esses seres comparecem diante de Deus para prestar contas de sua missão, evidenciando sua constante submissão ao governo divino. De modo semelhante,

o Salmo 103 proclama<sup>19</sup>: “O Senhor tem estabelecido o seu trono nos céus, e o seu reino domina sobre tudo. Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, vós que excedeis em força, que guardais os seus mandamentos, obedecendo à voz da sua palavra”.

Essa passagem evidencia que os anjos exercem seu ministério em perfeita obediência à vontade de Deus, participando da execução de sua providência sobre toda a criação.

Nesse sentido, o Cardeal Alexis Henri M. Lépicier observa que os espíritos puros cooperam com a ação providencial de Deus no governo do universo, não substituindo as causas naturais, mas atuando segundo a vontade do Criador na condução da ordem criada. Essa compreensão reforça a concepção tradicional segundo a qual os anjos exercem seu ministério em perfeita harmonia com a providência divina<sup>20</sup>. Essa perspectiva é compatível com a compreensão tomista de que Deus governa a criação por meio de causas segundas, entre as quais se inserem as inteligências angélicas:

É preciso notar que tudo quanto aqui dissermos a tal respeito se baseia no facto de que os espíritos puros são agentes de Deus e seus ministros no governo do mundo, e que, sem de maneira nenhuma interferirem na acção dos agentes físicos, regem o universo com instrumentos do infinito poder de Deus, de maneira que as forças cegas da natureza e a sábia direcção dos espíritos puros se combinam a levar o mundo ao fim lhe foi designado pela Divina Sabedoria.

Diferentemente dos demais coros da terceira hierarquia, os Anjos distinguem-se por exercerem, de forma mais frequente, a missão de mensageiros divinos. São eles que aparecem nas narrativas bíblicas anunciando acontecimentos decisivos da história da salvação, manifestando a vontade de Deus aos homens e cooperando na realização de seus desígnios.

Na tradição sistematizada por Tomás de Aquino, os Anjos representam a manifestação mais imediata da providência divina junto à humanidade, tornando visível, por meio de sua missão, a constante solicitude de Deus pela criação.

### 3.3.2. Arcanjos

<sup>19</sup> BÍBLIA, *Bíblia Apologética de Estudo*. Tradução João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: ICP Editora, 2000. Sl 103,19-20. p. 581.

<sup>20</sup> LÉPICIER Alexis Henri M. *O Mundo Invisível: Uma Exposição da Teologia Católica Perante o Espírito Contemporâneo*. 3ª Ed. Tradução por Eduardo Pinheiro, Porto:Livraria Tavares, 1957. p. 54.

Os Arcanjos constituem o segundo coro da terceira hierarquia angélica segundo a classificação apresentada por Pseudo-Dionísio Areopagita e posteriormente sistematizada por Tomás de Aquino. Na tradição cristã, distinguem-se por exercer missões de especial relevância na história da salvação, sendo frequentemente enviados por Deus para anunciar acontecimentos decisivos e comunicar mensagens de grande importância para o cumprimento de seus desígnios.

O termo "arcanjo" aparece expressamente em poucas passagens das Sagradas Escrituras. Uma delas encontra-se na Primeira Carta aos Tessalonicenses (1Ts 4:16<sup>21</sup>), onde o apóstolo Paulo afirma: “Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro”.

Outra referência encontra-se na Epístola de Judas (Jd 1:9<sup>22</sup>), na qual o Arcanjo Miguel aparece contendendo com o diabo a respeito do corpo de Moisés: “Mas o Arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda”.

Essas passagens evidenciam que os Arcanjos exercem missões diretamente relacionadas à manifestação da vontade divina em momentos particularmente significativos da história da salvação. Na tradição cristã, Miguel é frequentemente apresentado como defensor do povo de Deus e símbolo da fidelidade ao Criador, especialmente em razão das referências encontradas também no Livro de Daniel (Dn 10,13; 12,1) e no Livro do Apocalipse (Ap 12,7-9). Para Tomás de Aquino, essas missões extraordinárias justificam a distinção entre os Arcanjos e os Anjos da última ordem, não em razão de uma natureza diversa, mas da excelência das funções que lhes são confiadas na economia da salvação.

Na compreensão de Tomás de Aquino, os Arcanjos distinguem-se dos Anjos não por possuírem natureza diversa, mas pela excelência da missão que lhes é confiada. Sua atuação evidencia que Deus comunica sua vontade por meio das inteligências angélicas segundo uma ordem providencial, reservando aos Arcanjos o anúncio de acontecimentos de especial relevância para a história da redenção.

---

<sup>21</sup> BÍBLIA, **Bíblia Apologética de Estudo**. Tradução João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: ICP Editora, 2000. p. 1209.

<sup>22</sup> BÍBLIA, **Bíblia Apologética de Estudo**. Tradução João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: ICP Editora, 2000. p. 1279.

Nesse mesmo sentido, Martinho Lutero Semblano observa que a tradição cristã reconhece Miguel como um dos principais defensores do povo de Deus na tradição cristã diante das forças do mal, especialmente em razão das passagens bíblicas que o apresentam combatendo Satanás e protegendo os fiéis. Para o autor<sup>23</sup>: “De igual modo o Arcanjo de Deus que guerreará contra satanás, dada a sua graduação entre os anjos, o mesmo assim se apresentou a Josué”.

A interpretação apresentada por Semblano harmoniza-se com a tradição cristã que identifica Miguel como símbolo da fidelidade a Deus e da vitória da ordem divina sobre a rebelião angélica. Contudo, na perspectiva tomista, essa primazia não decorre de um poder próprio ou autônomo, mas da missão específica que lhe foi confiada pela providência divina no governo da criação.

A tradição cristã também menciona os nomes de Gabriel e Rafael. Gabriel destaca-se como mensageiro dos principais anúncios da história da salvação, especialmente à Virgem Maria (Lc 1,26-38), enquanto Rafael aparece no Livro de Tobias como companheiro e protetor de Tobias durante sua viagem. Embora a tradição frequentemente os reconheça como Arcanjos, apenas Miguel recebe explicitamente essa designação no texto bíblico. Quanto a Rafael, sua presença no Livro de Tobias decorre da tradição deuterocanônica, reconhecida pela Igreja Católica e pelas Igrejas Ortodoxas, mas não incluída no cânon adotado pela maioria das comunidades protestantes.

Desse modo, a figura dos Arcanjos evidencia que, na angelologia tomista, as diferentes ordens angélicas não se distinguem pela essência, mas pela diversidade de suas missões. A excelência desse coro manifesta-se precisamente na relevância das mensagens e das tarefas que Deus lhes confia ao longo da história da salvação.

### 3.3.3. Principados

Os Principados constituem o primeiro coro da terceira hierarquia angélica segundo a classificação apresentada por Pseudo-Dionísio Areopagita e posteriormente sistematizada por Tomás de Aquino. Embora integrem a hierarquia mais próxima da humanidade, ocupam posição superior aos Arcanjos e aos Anjos, exercendo funções

---

<sup>23</sup> SEMBLANO, Martinho Lutero. **Angelologia, A Doutrina dos Anjos**. Rio de Janeiro – RJ. Ed. Scriptura, 1ª ed. 2017, p. 42.

relacionadas ao governo das comunidades humanas e à ordenação da vida social segundo a providência divina.

As Sagradas Escrituras fazem referência aos Principados em diversas passagens do Novo Testamento. O apóstolo Paulo menciona essa ordem angélica ao afirmar que todas as coisas foram criadas por Deus, "tronos, dominações, principados e potestades" (Cl 1,16), bem como ao destacar que Cristo está acima de "todo principado, potestade, poder e dominação" (Ef 1,21). Essas referências demonstram que os Principados pertencem originalmente à ordem da criação e participam da economia providencial estabelecida por Deus.

Na obra *A Hierarquia Celeste*, Pseudo-Dionísio Areopagita<sup>24</sup> atribui aos Principados a missão de orientar e governar coletividades, conduzindo povos e autoridades segundo a ordem divina. Sua atuação manifesta a perfeita harmonia entre autoridade e serviço, uma vez que exercem seu ministério sempre subordinados à vontade do Criador e em cooperação com as ordens superiores.

Tomás de Aquino acolhe essa tradição ao afirmar que os diferentes coros angélicos participam da providência divina conforme a excelência de suas missões. Os Principados distinguem-se por cooperarem no governo das comunidades humanas e das nações, exercendo uma função de direção que favorece a realização dos desígnios de Deus na história. Sua autoridade, entretanto, não decorre de poder próprio, mas da missão recebida do Criador, permanecendo inteiramente subordinada à ordem estabelecida pela providência divina.

A tradição cristã desenvolveu, a partir dessas concepções, o entendimento de que os Principados exercem especial cuidado sobre povos, nações e instituições, favorecendo a preservação da ordem e da justiça. Essa interpretação encontra fundamento na compreensão dionisiana e tomista de que toda autoridade legítima participa, em grau diverso, da ordem estabelecida por Deus para o governo da criação.

---

<sup>24</sup> AREOPAGITA Dionísio Pseudo, **A Hierarquia Celeste**. 1ª Ed, Tradução por Américo Sommerman, Polar Editorial, 2015. p. 51.

#### 4. A ECONOMIA DA SALVAÇÃO E A QUEDA ANGÉLICA NO PENSAMENTO TOMISTA

Após examinar a natureza das substâncias intelectuais e a organização das hierarquias angélicas, cumpre analisar o lugar ocupado pelos anjos na economia da salvação segundo o pensamento de Tomás de Aquino. Para o Aquinate, as inteligências angélicas não constituem apenas uma realidade metafísica, mas participam ativamente da execução da providência divina, cooperando na realização do plano salvífico estabelecido por Deus. Essa compreensão não decorre exclusivamente da tradição dionisiana, mas resulta da síntese filosófico-teológica desenvolvida por Tomás de Aquino, que integra a herança patrística à metafísica aristotélica, conferindo fundamento racional à doutrina das substâncias separadas.

Tomás de Aquino, cognominado "Doutor Angélico" devido à profundidade e extensão de sua angelologia, oferece uma interpretação sistemática das aparições angélicas na Bíblia, harmonizando a revelação escriturística com rigorosos princípios filosóficos e metafísicos. Sua reflexão não se limita à classificação das hierarquias celestes, mas procura compreender a natureza, a operação e a finalidade dos anjos na ordem da criação e da providência divina. Para o Aquinate, os anjos, sendo substâncias puramente espirituais<sup>25</sup>, não possuem corpo inerente à sua natureza. Contudo, suas manifestações visíveis aos homens são compreendidas por meio de uma doutrina que preserva sua imaterialidade e, simultaneamente, explica a realidade das narrativas bíblicas. Nessa perspectiva, a análise a seguir examina, à luz da filosofia e da teologia tomistas, de que modo as inteligências angélicas participam da economia da salvação e como suas manifestações sensíveis<sup>26</sup> se harmonizam com sua natureza puramente espiritual, recorrendo não apenas à Suma Teológica, mas também ao tratado *De Substantiis Separatis*, no qual Tomás desenvolve de forma mais ampla sua concepção das substâncias separadas.

##### 4.1. OS ANJOS NA ECONOMIA DA SALVAÇÃO

---

<sup>25</sup> AQUINO, Tomás de. **Sobre os anjos: *De substantiis separatis***. Tradução de Luiz Astorga; apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006, caps.XVII-XIX – p. 183-225.

<sup>26</sup> AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1, I, q. 51.

Na perspectiva de Tomás de Aquino, os anjos exercem papel fundamental na ordem providencial estabelecida por Deus. Diferentemente de uma compreensão meramente simbólica ou devocional, a angelologia tomista compreende os seres celestiais como participantes ativos desse ministério. Essa participação decorre da própria ordem providencial estabelecida por Deus, segundo a qual as criaturas racionais cooperam, cada uma conforme sua natureza, para a realização do bem comum da criação.

A atuação angélica encontra fundamento na própria concepção medieval de providência. Para Tomás de Aquino, Deus governa todas as coisas de maneira ordenada, utilizando causas secundárias para a realização de seus desígnios. Essa compreensão encontra desenvolvimento também no tratado *De Substantiis Separatis*, no qual Tomás demonstra que as substâncias separadas ocupam posição própria na ordem da criação, recebendo de Deus o ser e a perfeição segundo os princípios da participação e do ato de ser (*actus essendi*<sup>27</sup>). Por essa razão, a atuação dos anjos jamais é autônoma, mas sempre dependente da causalidade primeira do Criador<sup>28</sup>.

Tomás de Aquino acolhe a tradição hierárquica apresentada por Pseudo-Dionísio Areopagita, mas a integra a uma explicação metafísica mais ampla. Para o Aquinate, a diversidade das ordens angélicas manifesta a perfeição da criação e a distribuição ordenada das participações no bem divino. Nesse contexto, a influência dionisiana permanece evidente, sobretudo na compreensão das hierarquias como canais da iluminação divina e da comunicação da ordem estabelecida por Deus. Segundo Dionísio, as hierarquias celestes participam da iluminação divina e transmitem essa perfeição às ordens inferiores, formando uma estrutura organizada de comunicação da graça e da ordem divina<sup>29</sup>. Tomás incorpora essa tradição ao compreender que os anjos ajudam na execução da providência mediante funções específicas dentro da criação.

As narrativas bíblicas que descrevem aparições angélicas são interpretadas por Tomás de Aquino não como manifestações permanentes de natureza corpórea, mas como formas temporariamente assumidas para possibilitar a comunicação com os homens. Na *Suma Teológica*, o Aquinate sustenta que os anjos, sendo seres puramente espirituais,

<sup>27</sup> AQUINO, Tomás de. **Sobre os anjos (*De substantiis separatis*)**. Tradução de Luiz Astorga; apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006, cap XVIII, p. 197-205.

<sup>28</sup> AQUINO, Tomás de. **Sobre os anjos (*De substantiis separatis*)**. Tradução de Luiz Astorga; apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006, cap. XIV, p. 157-161.

<sup>29</sup> AREOPAGITA, Dionísio Pseudo. **A hierarquia celeste**. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2015, p.39.

podem assumir corpos aparentes<sup>30</sup> para tornar perceptível sua missão junto à humanidade. Esses corpos não pertencem à condição angélica, mas são assumidos apenas temporariamente para possibilitar a comunicação sensível com os homens. Essa compreensão é reafirmada por Tomás em *De Substantiis Separatis*<sup>31</sup>, ao rejeitar as concepções que atribuíam matéria às substâncias angélicas e defender que sua finitude decorre da distinção entre essência e ato de ser, e não da composição de matéria e forma.

Nesse sentido, as manifestações angélicas presentes no Antigo e no Novo Testamento representam expressões pedagógicas da providência divina. Os anjos aparecem como mensageiros, protetores e executores da vontade de Deus, atuando em momentos decisivos da história da salvação. Entretanto, tais manifestações não alteram sua essência imaterial, uma vez que a corporeidade assumida possui apenas finalidade instrumental.

Para Tomás de Aquino, a missão dos anjos também está relacionada à condução racional da criação. Os seres celestiais auxiliam na ordem do universo não por possuírem autonomia em relação a Deus, mas por participarem da causalidade providencial estabelecida pelo Criador. Dessa forma, toda atuação angélica permanece subordinada à soberania divina e orientada à realização do bem, atuando os anjos como causas secundárias. Tal entendimento decorre da concepção tomista segundo a qual toda criatura participa do governo divino conforme a perfeição de sua existência, permanecendo sempre subordinada ao Primeiro Motor e à Causa Primeira.

Além disso, a tradição tomista sustenta que os anjos exercem função de assistência espiritual à humanidade. A ideia dos anjos da guarda, amplamente desenvolvida na teologia medieval, decorre da compreensão de que Deus, em Sua providência, destina determinados anjos ao cuidado e proteção dos homens<sup>32</sup>. Tal proteção, contudo, não elimina a liberdade humana, mas atua como auxílio dentro da ordem providencial. A missão dos anjos da guarda representa, portanto, uma expressão particular da providência divina, pela qual Deus governa as criaturas racionais mediante ministros espirituais, sem suprimir a liberdade humana nem substituir a ação da graça.

---

<sup>30</sup> AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1, I, q. 51.

<sup>31</sup> AQUINO, Tomás de. **Sobre os anjos (*De substantiis separatis*)**. Tradução de Luiz Astorga; apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006, cap. XVIII, p. 197-205.

<sup>32</sup> AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1, I, q. 113.

A economia da salvação, portanto, apresenta os anjos como participantes do ministério providencial entre o Criador e a criação. Sua existência manifesta a perfeição da ordem cósmica e evidencia a concepção medieval segundo a qual todo o universo encontra-se hierarquicamente organizado em direção ao bem supremo, que é Deus; essa compreensão evidencia que, para Tomás de Aquino, a criação constitui uma ordem racional orientada ao bem comum, na qual cada criatura exerce a função que lhe foi confiada pela providência divina.

Assim, a angelologia de Tomás de Aquino ultrapassa uma descrição meramente bíblica das hostes celestiais para constituir uma verdadeira síntese filosófico-teológica da providência divina. Nessa perspectiva, os anjos revelam a racionalidade da criação, a ordem estabelecida por Deus e a participação das criaturas espirituais na condução do universo segundo o bem supremo, finalidade última de toda a criação. Essa compreensão demonstra que a angelologia tomista ultrapassa uma simples classificação das ordens celestes para constituir uma autêntica metafísica das substâncias separadas, integrando filosofia, teologia e Sagrada Escritura em uma explicação coerente da providência divina.

#### 4.2. A QUEDA ANGELICAL E O PROBLEMA DO MAL

Após examinar a participação dos anjos na economia da salvação, torna-se necessário compreender como a tradição tomista explica a origem da rebelião angélica e sua relação com o problema do mal.

A reflexão acerca da queda angélica ocupa posição relevante na angelologia de Tomás de Aquino, especialmente porque envolve questões centrais da metafísica cristã, como liberdade, vontade e origem do mal. Diferentemente das interpretações dualistas, que compreendem o mal como uma força oposta ao bem, Tomás sustenta que todo ser criado por Deus é originalmente bom, inclusive os anjos. Assim, a origem do mal não está na criação em si, mas no uso desordenado da liberdade. Em *De Substantiis Separatis*<sup>33</sup>, Tomás reafirma que toda criatura espiritual procede da bondade divina e participa do ser segundo sua própria essência. Assim, a existência do mal não decorre de qualquer imperfeição no ato criador, mas do exercício desordenado da vontade livre, preservando-se tanto a bondade originária da criação quanto a soberania do Criador.

---

<sup>33</sup> AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo. Ed. Loyola, 2001. v. 1, I, q. 63, a. 1.

Na *Suma Teológica*, Aquino afirma que os anjos foram criados em estado de perfeição natural e orientados ao bem, possuindo intelecto e vontade livres<sup>34</sup>. Entretanto, justamente por serem dotados de liberdade, tornaram-se capazes de escolher entre permanecer ordenados a Deus ou afastar-se d'Ele. A possibilidade da queda decorre, portanto, não de imperfeição na criação divina, mas da própria natureza livre das substâncias intelectuais. Essa compreensão é coerente com a síntese metafísica desenvolvida pelo Aquinate em *De Substantiis Separatis*, na qual demonstra que as substâncias separadas recebem de Deus sua perfeição ontológica, permanecendo livres para ordenar sua vontade ao fim último para o qual foram criadas.

Ao identificar a soberba como origem do pecado angélico, Tomás retoma a tradição agostiniana segundo a qual o amor sui<sup>35</sup> constitui a raiz do afastamento da criatura em relação ao Criador. Contudo, o Aquinate amplia essa compreensão ao integrá-la à sua metafísica da vontade, explicando que o pecado consiste na desordem do ato voluntário e não em qualquer deficiência da essência dos anjos.

A concepção tomista do mal como privação do bem dialoga com a tradição dionisiana, sem, contudo, limitar-se a ela. Pseudo-Dionísio compreende o mal como afastamento da participação no Bem supremo, concepção posteriormente integrada por Tomás de Aquino à sua metafísica do ser, segundo a qual o mal não possui existência própria, mas consiste na privação de uma perfeição devida à criatura.

Outro aspecto importante da angelologia tomista consiste na imediaticidade da escolha angélica. Diferentemente dos homens, cuja deliberação ocorre de maneira gradual e condicionada pela experiência sensível, os anjos realizam suas escolhas por meio de conhecimento intuitivo e pleno. Por essa razão, a decisão dos anjos possui caráter definitivo. Aquino sustenta que não houve longo intervalo entre a criação e a queda dos anjos rebeldes, uma vez que a vontade angélica fixa-se imediatamente no objeto escolhido<sup>36</sup>. Essa característica decorre da própria natureza intelectiva dos anjos, cujo conhecimento intuitivo lhes permite apreender imediatamente o objeto de sua escolha, diferentemente do conhecimento discursivo próprio da condição humana.

A queda de Lúcifer também produziu consequências sobre outros anjos. Segundo Tomás, outros anjos aderiram livremente à rebelião do primeiro anjo, afastando-se

---

<sup>35</sup> AREOPAGITA, Dionísio Pseudo. **Obras completas do Pseudo-Dionísio, o Areopagita**. Tradução de Roque Frangiotti. São Paulo. Ed. Paulus, 2004. p. 65.

<sup>36</sup> AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1. p. 61.

igualmente da ordem divina. Ainda assim, o Aquinate enfatiza que a condição angélica permanece boa e a distinção entre natureza e vontade permite ao Aquinate afirmar que a corrupção introduzida pelo pecado atinge o exercício da liberdade, mas não destrói a essência da criatura, que permanece ontologicamente boa enquanto obra do Criador.

A partir dessa perspectiva, o mal não é compreendido como realidade criada por Deus, mas como resultado do afastamento voluntário da criatura em relação ao bem supremo. A rebelião de Lúcifer representa, portanto, o paradigma do mau uso da liberdade entre os seres intelectuais, evidenciando que mesmo criaturas superiores podem desordenar-se ao colocar a própria vontade acima da ordem divina. Essa concepção preserva simultaneamente a bondade da criação e a responsabilidade moral das criaturas racionais.

Dessa maneira, a reflexão tomista sobre a queda angélica ultrapassa interpretações meramente míticas ou devocionais, inserindo-se em uma profunda investigação filosófica acerca da liberdade, da vontade e da origem do mal. Ao relacionar angelologia e metafísica, Tomás de Aquino demonstra que a ruptura da ordem celeste não constitui oposição equivalente ao poder divino, mas consequência da escolha livre de criaturas que se afastaram da perfeição para a qual haviam sido criadas. Sob essa perspectiva, a angelologia torna-se um instrumento privilegiado para compreender a própria antropologia tomista, pois evidencia que a liberdade encontra sua perfeição apenas quando ordenada ao bem supremo.

Assim sendo, a queda angélica confirma um dos princípios centrais da metafísica tomista: o mal não possui realidade própria, mas consiste na privação do bem decorrente do uso desordenado da liberdade. A rebelião dos anjos manifesta, assim, não uma limitação do poder divino, mas a possibilidade inerente às criaturas livres de afastarem-se voluntariamente do fim para o qual foram criadas. A compreensão tomista aproxima-se, nesse ponto, da tradição patrística inaugurada por Agostinho<sup>37</sup>, mas distingue-se pela fundamentação metafísica oferecida ao conceito de *privatio boni*, inserindo-o na estrutura do ser e da participação.

A compreensão da queda angélica, portanto, não rompe a coerência da ordem criada, mas confirma que a liberdade, mesmo nas criaturas espirituais mais elevadas, permanece inseparável da responsabilidade moral diante de Deus.

---

<sup>37</sup> AQUINO, Tomás de. *Sobre os anjos (De substantiis separatis)*. Tradução de Luiz Astorga; apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006. cap. IV, p. 41-46.

#### 4.2.1. A origem, natureza e queda de Lúcifer segundo Tomás de Aquino

A *Suma Teológica* constitui a principal referência para compreender como Tomás de Aquino concebe a figura de Lúcifer. Esse tema aparece dentro de sua doutrina sobre os anjos, especialmente na Prima Pars, entre as questões 50 e 64. Nessa perspectiva, os anjos são vistos como seres criados diretamente por Deus, dotados de inteligência e vontade, mas sem qualquer vínculo com a matéria.

Quanto à sua origem, Tomás de Aquino afirma que todos os anjos foram criados bons, sem nenhum traço de mal em sua natureza inicial. Conforme afirma, “os anjos foram produzidos por Deus” e não existem desde toda a eternidade. Além disso, foram criados em estado de graça, possuindo a capacidade de se ordenar a Deus ou de se afastar d’Ele por um ato voluntário.

Nesse contexto, Lúcifer é entendido como o mais elevado entre os anjos que pecaram. Tomás de Aquino afirma que “o anjo que pecou era o mais elevado entre os que caíram”, indicando que sua superioridade natural não o impedia de exercer livremente sua vontade, nem o tornava impecável.

A queda de Lúcifer é explicada como resultado de um ato de vontade desordenada, pois, diferentemente dos homens, os anjos não pecam por ignorância ou por paixões, mas por escolha consciente. Tomás de Aquino afirma que nos anjos pode haver “mal de culpa”, e que tal culpa está ligada à vontade, não à natureza.

O pecado específico de Lúcifer consiste na soberba. A tradição teológica, acolhida por Tomás de Aquino, identifica essa soberba como um ato de amor desordenado de si mesmo (amor sui), pelo qual a criatura passa a buscar em si mesma o fim último que pertence exclusivamente a Deus. Segundo o Aquinate, “o diabo desejou ser como Deus”. Esse desejo não significa pretender ser absolutamente igual a Deus, mas buscar uma grandeza incompatível com a condição de criatura, isto é, alcançar a felicidade plena sem submeter-se à ordem divina. Trata-se, portanto, da inversão da ordem do amor (*ordo amoris*), pela qual a criatura dirige a si mesma o amor que deve ser ordenado ao Criador.

Outro ponto central é que não houve demora entre a criação e a queda. Tomás sustenta que “não mediou grande intervalo entre a criação do anjo e o seu pecado”, o que demonstra que a decisão angélica ocorre de forma imediata e definitiva. Diferentemente do homem, cuja deliberação é processual, o anjo realiza uma escolha plena e irreversível.

Além disso, o pecado de Lúcifer influenciou outros anjos. Conforme expõe Tomás, “o pecado do primeiro anjo foi causa de outros pecarem”, embora cada um tenha aderido livremente à desordem.

Após a queda, os anjos que pecaram tornam-se demônios. Sua natureza permanece boa enquanto criação divina, porém sua vontade fixa-se no mal. Tomás de Aquino afirma que “a vontade dos demônios está obstinada no mal”, o que exclui a possibilidade de arrependimento.

Quanto ao intelecto, não há destruição total do conhecimento, mas limitação: “o intelecto dos demônios não está totalmente privado da verdade”. Sua principal pena consiste na privação da beatitude e da separação de Deus.

Dessa forma, na perspectiva tomista, Lúcifer não constitui um princípio oposto a Deus, mas uma criatura que, por um ato consciente e irrevogável de soberba, afastou-se voluntariamente da ordem divina. Sua queda não representa o surgimento de uma força autônoma em oposição ao Criador, mas o paradigma do uso desordenado da liberdade entre os seres intelectuais. Assim, confirma-se a concepção de Tomás de Aquino segundo a qual o mal não possui existência própria, consistindo na privação do bem decorrente da livre escolha da criatura racional. Preservam-se, desse modo, tanto a bondade originária de toda a criação quanto a perfeição da providência divina, que permanece soberana mesmo diante da possibilidade do pecado.

A influência neoplatônica de Dionísio também aparece na compreensão tomista da queda como afastamento da participação no bem supremo<sup>38</sup>. Segundo essa tradição, o mal não constitui uma substância autônoma, mas a privação do bem decorrente do afastamento voluntário da criatura em relação à ordem estabelecida por Deus, concepção plenamente acolhida por Tomás de Aquino em sua metafísica do mal.

---

<sup>38</sup> AREOPAGITA, Dionísio Pseudo. **Obras completas do Pseudo-Dionísio, o Areopagita**. Tradução de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2004. cap. XVIII, p. 197-205.

## 5. CONCLUSÃO

A investigação sobre as hostes celestiais na visão de Tomás de Aquino revelou que sua angelologia não é apenas um tema de interesse teológico, mas um verdadeiro esforço de sistematização da ordem espiritual. Ao unir a tradição bíblica, a influência de Dionísio, o Areopagita, e a metafísica aristotélica, Aquino construiu uma cosmologia em que os anjos ocupam um papel essencial na ordem da criação: participam da execução da providência divina, refletem, segundo diferentes graus, a perfeição do Criador e cooperam, como substâncias intelectuais, na comunicação da ordem estabelecida por Deus.

A análise mostrou que, para Tomás, os anjos são substâncias intelectuais puras, criadas boas e destinadas ao conhecimento e amor de Deus. Sua hierarquia, organizada em três ordens e nove coros, não é apenas uma classificação, mas uma pedagogia espiritual que ensina como a luz divina se distribui em graus, do Serafim mais próximo ao Anjo da Guarda que acompanha cada ser humano.

A ruptura provocada pela rebelião de Lúcifer evidencia o drama da liberdade: mesmo criaturas perfeitas podem escolher afastar-se da ordem do amor. Essa queda não diminui a grandeza da criação, mas revela que o mal não tem substância própria — nasce da recusa em participar da luz de Deus.

Assim, a angelologia tomista ilumina não apenas a realidade espiritual, mas também a compreensão da condição humana. A contemplação das substâncias intelectuais evidencia que a sabedoria consiste no reconhecimento dos limites da razão diante do mistério divino e, simultaneamente, na confiança na providência que governa e ordena o universo. O estudo das hierarquias celestiais, portanto, transcende o interesse meramente especulativo, revelando-se como uma reflexão acerca da ordem da criação, da liberdade racional e da orientação da criatura para o bem supremo, em conformidade com a concepção metafísica e teológica de Tomás de Aquino

## 6. BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Tomás de. **Sobre os anjos (*De substantiis separatis*)**. Tradução de Luiz Astorga; apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1.

AQUINO, Tomás de; ALIGHIERI, Dante. **Seleção de textos**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).

AREOPAGITA, Dionísio Pseudo. **A hierarquia celeste**. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2015.

AREOPAGITA, Dionísio Pseudo. **Obras completas do Pseudo-Dionísio, o Areopagita**. Tradução de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA. **Bíblia Apologética de Estudo**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: ICP Editora, 2000.

CARNEIRO, Marcelo et al. **Manual de angelologia**. 17. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2022.

FERRETI, Augusto. **Os santos anjos da guarda**. Tradução de R. Vellozo. Taubaté: SCJ, 1945

GONZÁLEZ PÉREZ, M. Angélica. **La teología mística de Dionisio Areopagita y su influjo en místicos españoles del siglo XVI**. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/188510x>>. Acesso em: 19 fev. 2026.

KUYPER, Abraham. **Manual de angelologia: quem são os anjos de Deus?** São Paulo: Penkal, 2023.

LÉPICIER, Alexis Henri M. **O mundo invisível: uma exposição da teologia católica perante o espírito contemporâneo**. Tradução de Eduardo Pinheiro. 3. ed. Porto: Livraria Tavares, 1957.

MAHAIRI, Cheikh Ahmad Saleh. **O significado dos versículos do Alcorão**. Disponível em: <<https://irp-cdn.multiscreensite.com/1658c7c9/files/uploaded/Alcor%C3%A3o%20Sagrado.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2026.

MARTINS, Daniel Augusto. **A verdadeira história de Lúcifer**. 1. ed. [S.l.]: Cia do Ebook, 2017.

SEMBLANO, Martinho Lutero. **Angelologia: a doutrina dos anjos**. Rio de Janeiro: Scriptura, 2017.

SILVA, Severino Pedro da. **Os anjos: sua natureza e ofício**. 8. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1997.

WEBSTER, Richard. **A enciclopédia dos anjos**. Tradução de Alice Xavier de Lima. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.